

Letramento: construindo novas práticas com o uso das TIC

Lisandra Almeida da Silva (UFRGS)¹
Silvana Corbellini (UFRGS)²

Resumo

Este artigo trata de um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari (2006), em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre. O conjunto de ações vivenciadas permitiu observar e descrever as escritas das crianças, apontando suas evoluções no que se refere aos níveis de escrita. As ações envolveram atividades de alfabetização e práticas de letramento com portadores de texto¹ evidenciados pelo livro, na sala de aula e no laboratório de informática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na forma de estudo de caso. Os sujeitos são 26 alunos, com idade de 8 a 11 anos, acompanhados pelo período de três meses. Realizaram-se atividades com uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), como a criação de desenhos, a produção de escritas no Paint, jogos em sites, pesquisas no Google e a criação de blog, que oportunizou a escrita no ambiente virtual e constituiu-se em um espaço que agregou o registro das atividades desenvolvidas no projeto. Os resultados demonstram que o uso das tecnologias potencializaram ações do projeto, inserindo os alunos em práticas de letramento, oportunizando o avanço nos processos de escrita e leitura em um novo espaço de aprendizagem.

Palavras-chave: Letramento; Tecnologias.

Abstract

This article is an experience report on the work developed from the reading of Eva Furnari's book *Felpe Filva* (2006), in a third year elementary school class of a municipal school in Porto Alegre. The set of actions experienced has allowed to observe and to describe the children's writings pointing out their evolutions regarding the writing levels. The actions involved literacy activities and practices with text carriers [1], evidenced by the book, in the classroom and in the computing laboratory. It is a qualitative research, in the form of a case study. The subjects are 26 students, aged from 8 to 11 years-old accompanied through the period of three months. Activities were accomplished using the Information and Communication Technologies (ICT), such as creating drawings, production of writings in Paint, games in websites, searches on Google and the creation of a blog that provided the opportunity of writing in the virtual environment, and constituted itself in a space that added to the developed activities record. The results evidence that the use of the technologies potentiate the project's action, inserting the students in literacy practices, providing opportunities for advancement in the writing and reading processes in a new learning environment.

keywords: Literacy; Technologies.

¹ Contato: lisandra.almeida@hotmail.com

² Contato: silvanacorbellini@gmail.com

SILVA, L. A. da; COBERLLINI, S. Letramento: Construindo Novas Práticas com o Uso das TIC. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, Campinas, vol. 3, n. 1, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.nied.unicamp.br/ojs/>>.

1. Introdução

Observou-se, na nossa prática, que as crianças do segundo ano vinham apresentando muitas dificuldades para escrever textos e histórias. Demonstravam-se apáticas e pareciam não ter ideias. Quando solicitadas para escrever sobre algum assunto verbalizavam que era chato e somente faziam com muita insistência da professora. Tornavam-se necessários outros recursos, tais como a exploração oral sobre o assunto ou imagens para que pudessem construir frases ou pequenos textos.

A equipe atuante no terceiro ano, no ano de 2011, diante deste problema, se mobilizou na busca de um livro que fosse referência de um trabalho mais pontual de leitura e produção de textos na perspectiva do letramento. O grupo realizou pesquisas até chegar à escolha do título de Eva Furnari (2006), *Felpe Filva*, por sugestão de uma docente, que já havia realizado atividades com ele em outra escola. A indicação foi aprovada devido ao potencial visualizado na obra vislumbrando a possibilidade de planejar diversas atividades a partir dos gêneros textuais evidenciados.

Tal necessidade pedagógica detectada nos terceiros anos entrou em consonância com o que a escola vinha organizando como linha de ação, pontualmente frisada em seu Plano Político Pedagógico (PPP), que define o conceito de letramento estabelecido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), conforme o Programa Pró-Letramentoⁱⁱ:

É na segunda metade dos anos 1980 que essa palavra surge no discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação, como uma tradução da palavra da língua inglesa literacy. Sua tradução se faz na busca de ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da tecnologia do ler e do escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que escrever e ler são necessários. Implícita nesse conceito está a ideia de que o domínio e o uso da língua escrita trazem consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (BRASIL, 2007, p. 11).

O Ministério da Educação (BRASIL, 2007, p. 11) define que letramento é:

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita [...].

Durante as reuniões de planejamento com as professoras e com a coordenadora pedagógica no ano de 2014 surgiu a ideia de aliar as atividades na sala de aula, já realizadas desde 2011, ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). O grupo refletiu sobre a inserção das TIC e sobre os outros espaços de leitura e escrita que

poderiam propiciar, acrescentando-se aos já existentes e vivenciados pelos alunos. Acreditou-se que, por serem de natureza interativa, mobilizariam mais as crianças e possibilitariam desenvolver competências específicas em meio as práticas de letramento que a sociedade atual demanda, renovando, desta maneira, a identidade do projeto que ocorre há anos na instituição escolar.

O projeto foi colocado em prática, e o trabalho com o livro *Felpe Filva* adquiriu uma nova roupagem. As mais variadas propostas de leitura e escrita alternaram-se entre o espaço da sala de aula e o laboratório de informática, tais como a escrita e leitura através de hipertextos, a escrita em editores de textos, a exploração dos recursos do Paint, as pesquisas na internet, a escrita de cartões virtuais para os professores e os jogos que envolviam portadores de texto, entre outros. Tais ações possibilitaram descrever como as crianças fizeram suas produções e como se motivaram a partir de desafios e situações criadas pela professora, sendo possível investigar aquelas que despertaram maior interesse nas crianças, tanto as realizadas na sala de aula como no laboratório de informática.

A relevância do trabalho com o livro evidenciou-se através da evolução nos níveis de escrita e do desenvolvimento da leitura e oralidade dos alunos, associado a um planejamento coletivo afinado, que procurou oportunizar muitas vivências a partir da leitura do livro, colocando o aluno “em movimento”, promovendo tempos e lugares diversificados. A partir do livro, o laboratório de informática agregou-se como um espaço a mais “do aprender” que, para alguns alunos, era visto, até então, como um “espaço de brincar”. O uso de variadas tecnologias que foram incorporadas às atividades potencializaram as ações do projeto, seduzindo e desafiando os alunos a envolverem-se nas atividades de maneira mais efetiva.

Na escola este livro tornou-se referência, servindo como instrumento para mobilizar as crianças, oportunizando experiências de práticas de escrita e leitura contextualizadas juntamente com práticas de letramento, objetivando especialmente que relacionassem o ato de escrever a sua funcionalidade.

2. Caracterizando a escola e o laboratório de informática

A escola municipal de ensino fundamental encontra-se localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e foi construída em 1986. É uma área onde se localizam famílias de baixa renda, entendem-se aqui como aqueles que ganham até dois salários mínimos (IBGE, 2012). A maioria é de assentamento mais antigo, em loteamentos regulares. Uma parcela de ocupação mais recente configura uma população social e economicamente

excluída, que ocupa irregularmente áreas de risco e de proteção ambiental. As comunidades vizinhas também apresentam populações de excluídos e classes populares.

Entre 2004 e 2006 a escola foi renovada e contemplaram-se novos espaços, como a sala de multimeios e o laboratório de informática, instituídos pela mantenedora como espaços importantes para construção do conhecimento das crianças e onde os professores dispõem de recursos para diversificarem suas aulas. No ano de 2004 foi entregue o pavilhão onde se encontra o laboratório de informática, que foi inaugurada com computadores muito antigos. Em 2005 a escola recebeu do governo federal sete computadores, através do programa Pró-Jovem e, em 2007 a mantenedora equipou o laboratório de informática com 15 computadores novos. Atualmente a sala possui 14 computadores conectados a internet com leitor e gravador de CD/DVD.

Para auxílio do trabalho com os professores a Secretaria de Educação dispõe de estagiários que exercem suas funções em um prazo máximo de até dois anos. A estes estagiários compete o agendamento dos professores, verificação do estado das máquinas, abertura e fechamento do laboratório, auxílio dos professores e suas turmas. Porém, em 2014, a escola recebeu uma professora formada em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, nomeada para exercer suas funções junto aos professores.

A função desta professora é auxiliar o professor na adaptação dos conteúdos a serem trabalhados com as tecnologias disponíveis, e também de qualificar os alunos no uso dessas tecnologias. A interação entre o profissional do laboratório deve ser estreita com o professor, pois é de suma importância o saber não só sobre os conteúdos, mas em relação ao desenvolvimento da turma como um todo.

A professora responsável ressaltou que a escola precisa se qualificar em relação às TIC, pois sua atividade no laboratório de informática ainda é limitada, restringindo-se a um acompanhamento tutelar de alunos quando não há professor, e a auxiliar o professor somente no uso da máquina e não na elaboração da aula. Destaca-se a necessidade de seguir ainda a caminhada visando que o laboratório de informática tenha seus recursos otimizados em prol das aprendizagens dos alunos.

3. Início do trabalho com *Felpe Filva*: como tudo começou

O trabalho realizado com o livro *Felpe Filva* no terceiro ano do ensino fundamental (turmas de A30) na escola iniciou em 2011, quando o grupo de professores tinha sido constituído de novos professores, que tentavam trabalhar com os dados de diagnóstico das turmas, e onde se evidenciava a necessidade de um trabalho mais consistente em relação à apropriação do sistema de escrita alfabética, compreensão de convenções ortográficas,

leitura e interpretação. As professoras tinham o desafio de basear a proposta de trabalho na diversidade dos gêneros textuais e retomar direitos de aprendizagem que estavam ainda muito atrelados ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental. O grupo desejava ativar boas ideias nas crianças, fazê-las escrever contextualizando esta prática, inserindo-as em ações que pudessem, além de contexto ter começo, meio e fim, rompendo com a escrita de palavras isoladas ou propostas pouco atrativas e sem sentido. O uso do livro *Felpe Filva* auxiliou muito nesse processo de planejamento de atividades diversificadas, pois se transita nele entre poemas, receitas, guias de instrução, cartas, contos de fadas...

As crianças demonstraram um significativo interesse pelo trabalho expressando muito suas percepções, através de relatos de sentimentos e de produções escritas. Nos anos de 2012 e 2013 o trabalho continuou presente no planejamento para as turmas de A30 (terceiro ano), ampliando-se as atividades a procura de novos contextos.

Nos diferentes anos-ciclosⁱⁱⁱ há objetivos específicos, como, por exemplo, estabelecer a aproximação da escrita alfabética com a ortográfica, e o trabalho com o livro *Felpe Filva* possibilita, além dos trabalhos com diferentes gêneros textuais, leitura, interpretação, projeção de inferências nos textos, transitarmos por uma rica variedade de sentimentos e conceitos como otimismo, pessimismo, respeito às diferenças, solidão, abrindo um canal onde os alunos pudessem relatar experiências e expressar suas emoções.

Em 2014 o setor pedagógico lançou o desafio do trabalho para as professoras de A30, sugerindo que fossem estruturados projetos de trabalho, unidades didáticas, atividades pedagógicas diversificadas a partir da leitura do livro. Este ano agregou-se o laboratório de informática como mais um espaço de realização de atividades engajadas com as da sala de aula.

Na primeira reunião pedagógica do ano de 2014, a equipe solicitou a presença da professora de informática da escola para compor ações do projeto. A ideia de ter a professora do laboratório foi para que pudesse conhecer a proposta de trabalho do ano/ciclo e que auxiliasse a organizar materiais, planejar estratégias que viessem a enriquecer as abordagens de trabalho. Neste encontro surgiram ideias, tais como a digitação de receitas, criação de cartões postais, pesquisa biográfica de Eva Furnari, criação de acrósticos^{iv}, organização de notícias sobre as aprendizagens a partir da leitura e das atividades realizadas através da elaboração de folders, almanaques e outros.

4. Fundamentação teórica

O trabalho com o livro *Felpe Filva* e as dinâmicas propostas com o uso das mais variadas tecnologias oportunizaram ao aluno o acesso a determinados portadores de texto,

tais como: bilhetes, cartões, bulas de remédio, receitas, manuais de uso, listas, fábulas, contos de fada e poesias. Alguns destes já fazem parte do cotidiano, porém é a sua inserção na prática escolar que conduz a uma releitura e direciona a criança a se apropriar destes objetos escritos, de forma que pode conduzi-la ao desenvolvimento das suas concepções sobre as funções da escrita, remetendo-a também a refletir a respeito do funcionamento da linguagem. Desenvolver um trabalho pedagógico com os mais variados tipos de textos é levar para a escola práticas de letramento presentes possivelmente também no contexto das famílias das crianças. Trazê-las através dos recursos digitais é oportunizar espaços diferenciados e condições favoráveis para que cada criança se expresse e reflita sobre as questões da sua língua materna.

O livro *Felpe Filva*, com a troca de cartas entre Felpe e Charlô, evidencia a intencionalidade da escrita e as repercussões em quem lê, não desconectando, durante todo o trabalho com o livro, os atos de ler e escrever.

Desta maneira, parte-se do pressuposto, com os trabalhos sistemáticos na escola com determinados textos, que os sujeitos pensem antecipadamente sobre sua estrutura e organização e, segundo Moreira (2002), espera-se que o desenvolvimento das propostas facilite para o aluno a percepção de sua função; saber a finalidade pode facilitar a percepção de sua estrutura; pressupor a sua estrutura facilita a antecipação de seu conteúdo; antecipar o seu conteúdo propicia facilitar uma leitura mais compreensiva.

O aluno do terceiro ano está na fase final do chamado ciclo de alfabetização e acredita-se que nesta etapa, sem considerarmos dificuldades orgânicas e psicológicas, que este já esteja lendo e no nível alfabético da escrita. No grupo investigado há crianças que não se apresentavam desta forma, assim não há como descolar as práticas de letramento com intervenções de alfabetização, pois o objetivo proposto, também é de fazê-los avançar em seus níveis de escrita e oportunizar que se constituam leitores no espaço da sala de aula.

Cabe aqui ressaltar os níveis de escrita pelos quais passa a criança no caminho da alfabetização, estabelecidos por Ferreiro e Teberosky (1999). São cinco etapas ou níveis, nos quais as crianças vão avançando conforme suas hipóteses desde o período pré-silábico (dois momentos com desenhos e depois letras), níveis 1 e 2, nesta etapa os registros não fazem nenhuma relação com os sons das letras. Evolui para o período silábico, terceiro nível, quando a criança registra uma letra para cada sílaba, alternando entre vogais e consoantes. Na sequência, no quarto nível, evoluem para o período silábico-alfabético, quando registram as palavras com ausência de certas letras nas sílabas. O quinto nível é o alfabético, quando a criança registra todas as unidades sonoras, porém não

necessariamente respeitando a regra ortográfica da língua. O último estágio é chamado de ortográfico, e nesta etapa escreve respeitando as regras oficiais da língua, porém as autoras não o classificam em um nível, cita-o apenas como etapa seguinte.

Eva Furnari cita no livro, através de seu personagem principal, gêneros textuais que estão no cotidiano das crianças na escola através dos livros infantis, tais como fábulas, contos e poesias, permitindo pensar sobre o que já foi lido por eles ou para eles por seus professores. Em contrapartida, o livro evidencia também portadores de texto como manuais de uso, bulas de remédio, pequenos bilhetes, receitas e listas que estão presentes na vida familiar. Para Kleiman (1995, p. 19), “letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Assim, é possível elencarmos práticas e contextos de letramento dentro e fora da escola atuando conforme necessidades e interesses das pessoas e constatar que para cada grupo há diferentes formas de significar e atribuir sentidos para certos eventos de letramento.

Nas diversas atividades propostas foi possível escutar as crianças, e verificar os portadores que circulam em maior número no meio familiar de cada aluno. Descobriu-se na diversidade do grupo que havia mãe cozinheira, alguns com membros da família que faziam uso contínuo de medicamentos, e para muitos realizar uma lista de supermercado era uma prática de escrita corriqueira. Identificou-se que muitas crianças não sabiam o que era cartão-postal e se pode observar que manuais de uso são portadores normalmente desprezados. Alguns relataram que fazem uso de mensagem de texto nos celulares dos pais, e citaram o e-mail como instrumento utilizado para envio de avisos e de recados.

O uso das TIC justifica-se, pois, pensando em termos sociais, constitui-se em algo imprescindível e necessário nos dias de hoje. Contudo, para se usar os recursos das TIC nas escolas de maneira eficiente, rompendo com um ensino baseado em repetições, é necessário fundamentar o trabalho em propostas desafiadoras para os alunos, trabalhando em uma perspectiva epistemológica que compreende os sujeitos em atividade cognitiva, rompendo com uma prática pedagógica mecânica e passiva. É preciso criar e buscar que desenvolvam a criticidade com relação a conteúdo vinculado na Web. segundo Ferreiro (2006), estar alfabetizado hoje indica alguém que transita com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita, produzindo textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas. Interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela.

Muitos são os recursos que as Tecnologias da Informação e Comunicação têm propiciado: os jogos presentes nos sites educacionais que trabalham com as mais diversas áreas do conhecimento; os objetos de aprendizagem produzidos pelas universidades para desenvolver competências e que evidenciam conteúdos específicos do conhecimento são alguns exemplos. Agregando-se a todas essas possibilidades os professores dispõem ainda dos aplicativos e programas pensados para determinados fins e atividades específicas como, por exemplo, editores de textos, de imagens e sons, entre outros recursos.

Diante dos mais diversos recursos e experiências pedagógicas com as tecnologias, o professor oferta ao aluno a possibilidade de desenvolver as potencialidades dentro do processo evolutivo de cada um e do grupo como um todo através de outra linguagem, instituindo no educando uma nova forma de se relacionar com o conhecimento.

O blog, criado em 2014 como lugar de registro para o trabalho, constituiu-se peça fundamental para determinados desdobramentos das ações e visibilidade do projeto. Segundo Santarosa (2010), a palavra blog é resultante da contração entre as palavras web e log (registro) na web (em texto na internet). É um sistema de publicação na web destinado a divulgar informação semelhante a um diário, sendo o seu diferencial a interação entre os internautas e o editor (aquele que cria o blog).

O uso do blog potencializou o compartilhamento de ideias e ultrapassou os muros da escola, contextualizando o ato de escrever em forma de hipertexto apresentado pela web, possibilitando o deslocamento e a possível interatividade do leitor com o texto, tornando o ato de ler mais dinâmico. O hipertexto, segundo Marcuschi (2001), evidencia não um deslocamento do texto impresso, mas sim uma revisão de novas formas de pensar o letramento e as condições de produção social do conhecimento. Costa e Madalena (2003) explicitam o caráter colaborativo das escritas como uma prática social no ciberespaço.

Em termos de alfabetização e letramento, nos dias de hoje é preciso o investimento e esforço da escola buscando a qualificação necessária em termos humanos (oportunizando formações aos professores) e tecnológicos (investindo em máquinas e softwares) propiciando condições ao aluno de atender as demandas sociais no que se refere ao uso de sua língua materna.

5. Práticas de letramento: uma proposta

O livro *Felpe Filva*, de autoria de Eva Furnari, é direcionado ao público infantil. Conta história de um coelho escritor que se chama Felpe Filva que vive triste e isolado e que em um determinado momento começa a receber cartas da coelha Charlô. Uma coelha bastante crítica com relação às poesias e aos livros escritos por ele. Felpe Filva entra em crise e

passa a se questionar e rever certas posturas. A história evolui de maneira divertida com trocas de correspondências entre Felpo e Charlô e, nestas trocas, a autora vai inserindo, ao longo do livro, vários tipos de texto, como poema, fábula, carta, manual, receita, lista, conto de fadas, entre outros.

A história foi contada para as crianças como uma novela, em capítulos, com o objetivo de aguçar a curiosidade dos alunos, motivando-os a se inserirem neste movimento de trocas que é feito entre Felpo e Charlô, criando expectativas e o desejo em querer saber como a história iria se desenvolver.

Entre os capítulos, a proposta foi de que as crianças, a partir dos portadores de texto apresentados no livro, realizassem as mais diversas atividades e desafios de escrita criados pela professora. Entre as atividades estavam previstas três oficinas: construção de jogos e brinquedos para confecção de manuais de uso, de docinhos da avó de Felpo Filva para trabalhar com o portador receita, e de ervas para construção de remédios caseiros para escrita de bulas. Outras ações foram se engajando, dialogando com o que estava sendo trazido do livro, como a construção de bilhetes, de cartões, cartas, de diálogos entre Felpo e Charlô. Desta forma, o trabalho foi se compondo e o objetivo era conectar as escritas das crianças com os textos evidenciados no livro, explorando junto ao grupo as funções e usos da escrita, utilizando-se das TIC neste processo.

Procurava-se, em cada ano, estabelecer um foco para certos portadores de texto. O trabalho no ano de 2014 direcionou-se para criação de poemas, escrita da autobiografia, pesquisa sobre a autora Eva Furnari, recontagem de contos de fadas preferidos do grupo, criação de manuais de uso de brinquedos e jogos, criação de diálogos entre Felpo e Charlô, composição de listas, bilhetes e cartões. As práticas dividiram-se em dois espaços de trabalho: sala de aula e laboratório de informática. Foi proposta, ainda neste mesmo ano, a criação de um blog para as postagens das atividades, possibilitando que os alunos acompanhassem com a família o trabalho desenvolvido, e também escrevendo comentários, validando a comunicação entre família e escola. O blog destinou-se ao uso no espaço escolar, mas também possibilitou as interações nos lares para os poucos, neste contexto, que possuíam acesso à internet.

No laboratório de informática objetivava-se ainda que os alunos aprendessem a utilizar o Google, acessar sites, utilizar o Paint e seus recursos, digitar materiais no Word. Também jogaram em sites que desenvolviam a leitura, tendo como temática algum portador de texto trazido pelo livro, e elaboraram escritas para envio de cartões virtuais.

Este trabalho com o livro foi uma proposta desenvolvida com todas as turmas do terceiro ano em 2014, com objetivos definidos e que surgiu da necessidade de se

oportunizar vivências contextualizadas de escrita, como descrito anteriormente. Este ano evidenciou-se pela evolução das propostas anteriores avaliadas, revalidadas ou não, e pelo fato de se agregar o uso das TIC como instrumentos para outros desafios. Destaca-se que o planejamento sempre foi feito de forma coletiva e se compunha a partir das trocas entre as professoras nas reuniões pedagógicas semanais.

Algumas propostas são descritas a seguir e se constituíram em práticas de letramento oportunizadas em contextos diferenciados e para fins diferentes, onde não se desconectavam os atos de ler e escrever e que repercutiram no grupo de pessoas ligadas às crianças, como os cartões virtuais enviados aos professores, colegas e familiares. Destaca-se aqui que mostrar a produção no ambiente da web mobilizou sensivelmente o desejo de aprender de alguns alunos, sendo a mola que impulsionou para novos desafios, visto que a produção tinha um caráter público.

6. Relato das práticas

6.1 Pesquisa sobre a autora e apresentação do blog

A prática foi proposta pela professora para ocorrer no laboratório de informática da escola duas vezes na semana, durante os três meses do projeto. O trabalho com os portadores seguiria ao longo do ano, assim como as mais diversificadas atividades para produção textual.

O laboratório da escola não tem um computador para cada aluno e não oferece outros recursos, tais como tela de projeção ou impressoras, assim sendo, o trabalho ocorreu em duplas. A internet oscila bastante, o que por vezes, inviabilizava o trabalho dos grupos. Havia computadores nos quais o acesso à rede é lento. O laboratório de informática possui a bancada com os computadores, uma mesa de centro grande e uma lousa branca, na qual os professores escrevem o roteiro de suas aulas.

O primeiro momento do trabalho objetivou apresentar às crianças o site de pesquisa Google. Com ajuda da professora do laboratório orientou-se o grupo a digitar o nome da autora e mostraram-se teclas de ações básicas, tais como: *enter*, de retorno e espaçamento, visando à autonomia em suas pesquisas.

A turma não havia vivenciado, até então, propostas que incluíssem o uso das tecnologias. Este listou vários endereços eletrônicos e a turma foi orientada a clicar em um dos sites que apareceram na tela. Surgiram diversas imagens de Eva Furnari e vários sites que traziam dados sobre ela, tais como ano de nascimento, local, livros publicados, formação acadêmica, entre outros, que os alunos transcreviam para os seus cadernos.

As crianças registravam e perguntavam o que era preciso escrever no caderno. A professora explicou que o objetivo era conhecer a biografia da autora. Esclareceu que estavam em busca de descobertas, que não havia roteiro de pesquisa, mas que a missão era de retornar à sala de aula com dados sobre a autora. Neste momento, detiveram-se em abrir os sites, pesquisar, ver as capas dos livros de Eva Furnari, e alguns registravam nos cadernos o que julgava importante.

À medida que surgiam as capas dos livros, alguns alunos se preocuparam em saber do que tratavam. Outros permaneciam atentos em registrar o ano, a cidade e os títulos das obras. Houve duplas que investigaram vídeos com entrevistas da autora e de projetos que a envolviam. Descobriram que o *Felpe Filva* é uma publicação de 2007 e que a maioria era “mais velha” que o *Felpe Filva*. O grupo conversava entre si, levantavam-se para olhar o que os outros acessavam, e isto ampliava a diversidade de sites visitados, a qualidade da seleção das informações e a interação da turma.

O segundo momento da aula teve como objetivo a apresentação do blog criado pela professora para postagens das atividades realizadas na sala de aula e na sala de informática. A professora escreveu o endereço na lousa branca e cada dupla o digitava em seu computador. Alguns logo acessaram o blog, outros tiveram dificuldades, tais como digitar errado ou dar espaçamento. A turma demonstrou surpresa ao visualizar suas atividades postadas no blog, bem como suas fotos e o trabalho já realizado com certos portadores de texto.

6.2 Construção de “Novos Felpos” e acrósticos no Paint

Outra visita ao Laboratório de Informática teve como objetivo a criação de desenhos no Paint e a escrita de acrósticos utilizando a caixa de texto do próprio programa. Alguns alunos não conheciam o Paint, e tornou-se necessária, antes da realização da proposta, explicar as funcionalidades e possibilidades do recurso. Este programa foi escolhido porque não necessita da internet e já se encontra instalado nos computadores. Visa trabalhar a coordenação motora fina e oferece ao usuário uma caixa de ferramentas na qual é possível escrever com as mais diversas cores, escolher o tipo de traço, e o usuário tem a possibilidade de “ensaiar” várias vezes o seu desenho, pois há uma borracha que apaga o que é indesejado. Além disto, possibilita o uso de formas geométricas, a inserção de balões de fala e de caixa de texto. A finalidade era a criação de um Felpe Filva totalmente diferente da imagem do livro, utilizando-se dos recursos do Paint.

Após esta atividade, cada dupla foi orientada a criar seu acróstico, utilizando a caixa de texto com uma palavra escolhida pela dupla.

Desta forma, os alunos criaram vários Felpos, como por exemplo, o personagem em uma versão 'rock', em formas geométricas, entre outros. Alguns alunos demonstravam dificuldades de motricidade, não conseguindo exercer a pressão necessária no manuseio do mouse, no aspecto do tempo de segurar e soltar os botões. Atrapalhavam-se na escolha das formas e dos tipos de pincéis, excedendo ou diminuindo o tamanho do traçado. O fato de não dominar completamente o uso do mouse, mesmo com a colaboração da professora e dos colegas, causou desânimo e frustração e não conseguiram realizar a proposta, outros saíram insatisfeitos com o resultado.

A maioria do grupo escolheu os nomes dos personagens "Felpo" e "Charlô" para a construção dos acrósticos. E tinham como desafio não repetir palavras nos acrósticos, o que era escrito por uma dupla não poderia aparecer no texto de outra. Tal condição gerou muitas conversas e a necessidade de ampliar o vocabulário. Foi necessário ajudá-los na organização da caixa de texto e, para alguns, no uso do teclado, explicando as funções da tecla de espaços, o apagar, o retornar e o trocar de linha. O laboratório não dispõe de telão para que o professor possa ir explicando os passos das atividades. Desta forma, foi necessário orientar dupla a dupla, o que se tornou cansativo para professora.

6.3 Escrita de recados na sala de aula e no blog

A prática da escrita de recados ocorria frequentemente, tanto em sala de aula, através de folhas de cadernos e cartões, como no laboratório de informática, utilizando o espaço do blog. Na sala de aula várias propostas foram desenvolvidas, tais como: escrever recados para professores, colegas, podendo ser com sorteio de nomes, amigo secreto ou escolha de colega. As crianças demonstraram-se empolgadas com esta possibilidade de comunicação com professores e colegas que não estão na sua sala de aula. No espaço do blog também se mostraram motivados para a atividade, pois na última aula no laboratório observaram que outra turma havia postado recados no blog. Estes recados eram alguns para o grupo e, outros, individualizados. Os alunos mostraram-se satisfeitos ao visualizarem os comentários de uma professora da Escola nas atividades realizadas. Com isto, questionaram sobre a possibilidade de poderem responder e assim, dedicaram-se a agradecer e sugerir à professora que continuasse acompanhando o blog.

O trabalho no laboratório de informática oportunizou aos alunos estarem em um espaço diferenciado da sala de aula e utilizarem recursos diversos. Agregar as TIC ao projeto constitui-se na possibilidade de incentivo à pesquisa, à criatividade, no exercício da lógica em vivências também de caráter lúdico.

A seguir, expõem-se algumas das práticas de letramento que foram desenvolvidas, bem como os seus objetivos.

Quadro 1 – Práticas Realizadas

	Atividades	Objetivos
1	Vamos fazer listas?	Incentivar a reflexão elencando temas, objetos, ações ou prioridades que não se pode esquecer ou que devem ser seguidas.
2	Construção de acrósticos	Fomentar a associação de ideias, oportunizar o desenvolvimento do vocabulário e da criatividade.
3	Blog e pesquisa na internet	Inserir os alunos no espaço da internet, oportunizando a vivência de conteúdos em hipertextos com suas possibilidades de coletar e selecionar informações, tornando-os mais ativos frente ao processo de pesquisa na web.
4	Construção de novos Felpos e acrósticos no Paint	Oportunizar a vivência dos recursos do Paint, utilizando-se dos vários tipos de linhas, formas, cores, aprendendo a selecionar e editar objetos, e aprendendo a escrever na caixa de texto.
5	Troca de recados na sala de aula e no blog	Torná-los leitores e escritores ativos, procurando desenvolver estas duas competências em uma perspectiva colaborativa.
6	Envio de cartões presenciais e virtuais para professores	Fortalecer os vínculos entre os professores e os alunos, estimulando-os a pessoalizarem a escrita.
7	Jogando com os portadores	Estimular a leitura através do cumprimento dos objetivos do jogo, explorando-se o conteúdo lúdico e interativo.

Fonte: Autoras.

7. Discussão das práticas

As crianças mostraram-se interessadas na execução das tarefas que objetivavam produzir um tipo de portador de texto. Destaca-se que havia um planejamento prévio, e que cada atividade tinha sua sequência previamente organizada com previsão de tempo, divisão de tarefas e objetivos claramente definidos. Possibilitar as mais diversas situações de aprendizagem engajadas no livro *Felpe Filva* oportunizou às crianças o acesso aos portadores de texto através de sua leitura e escrita/reescrita, bem como observar os esquemas interpretativos no que tange a *construção da linguagem*. Sendo assim, a meta maior no conjunto de ações foi oferecer às crianças condições de desenvolvimento da comunicação escrita, problematizando-a.

Segundo Ferreiro (2000), a escola deve permitir um acesso inteligente às condições de enunciação próprias da escrita: é preciso aprender a solicitar, argumentar, contar, dar instruções, perguntar, responder, informar, comentar e dialogar por escrito.

Há um percurso que teve o seu início com a leitura do livro, foi avançando e sendo construído a cada atividade, a cada oportunidade de debate, a cada interação. Os alunos avançaram na trilha dos conhecimentos da linguagem, pois houve uma gama de possibilidades de interação com os objetos e também entre os sujeitos, oportunizando à turma indagar, inferir e dar significação para o que estava sendo registrado.

Todas as atividades descritas propiciaram trabalhar com determinados portadores sob o contexto do letramento, sendo possível observar o desenvolvimento da aprendizagem e avanço no nível de escrita de algumas crianças.

No que se refere a este avanço, aponta-se para que, desde o início do trabalho, até o fim, três crianças evidenciaram avanço do nível silábico (S) para o silábico-alfabético (SA) e iniciaram os seus processos de leitura. Como exemplo desta passagem, a palavra DOCE, grafada antes OE (S), passou a ser grafada DOE (SA). Três alunos avançaram do nível pré-silábico para o silábico. No grupo, quatro crianças estavam no nível silábico-alfabético, sendo que uma já registrava este nível antes do projeto iniciar, porém observou-se um avanço na leitura, que antes parecia bloqueada, mas que ao longo do trabalho foi evoluindo, com o aluno demonstrando estar mais seguro, e mais autônomo no reconhecimento das unidades sonoras.

Na turma com um total de 26 crianças, 17 encontravam-se no nível alfabético e duas possuíam necessidades educacionais especiais, com objetivos escolares direcionados à socialização e convivência com os pares, não sendo o foco, neste período, a alfabetização.

O avanço nos níveis de escrita de seis crianças indica-nos que o trabalho com o livro e o uso das tecnologias traz em seu conteúdo o apelo do letramento, que as fizeram avançar em seus processos de alfabetização, devido ao fato de terem sido favorecidas pela interação e vivências na sala de aula e recursos visuais, como as oficinas e o uso das TIC.

Para Piaget e Inhelder (1986), o desenvolvimento mental infantil se dá por meio de três fatores: a maturação do sistema nervoso central, que indica possibilidades de desenvolvimento, o ambiente físico rico em materiais concretos e manipuláveis e um ambiente onde os sujeitos possam estar em interação e assim cooperando e colaborando uns com os outros e com os adultos.

Em cada atividade desenvolvida com determinado portador, além da proposta de leitura e escrita, houve mobilização no que se refere ao desenvolvimento da linguagem como um todo, pois as crianças oralizavam muito através de debates e trocas de ideias que

requeriam que cada um tivesse um posicionamento. Com a proposta de construção de acrósticos, o grupo foi desafiado a pensar em um movimento contínuo de associação de ideias dentro de cada universo sugerido.

O uso do blog oportunizou ao grupo trocas virtuais. A exposição dos trabalhos da turma na rede mundial de computadores e a comunicação neste espaço motivou e mobilizou o grupo a querer escrever e se mostrar, em ambientes extraclasse. O blog, como ferramenta pedagógica, constituiu-se neste trabalho, como um portfólio virtual de atividades, evidenciando a produção dos alunos em todas as ações desenvolvidas no projeto.

Certas perguntas como: “Vamos escrever manuais de uso?”, “Vamos escrever listas?” “Vamos trocar recados?”, constituíram-se comandos que o grupo acolheu e executou. Realizar listas de coisas malucas e trocar bilhetes foram propostas realizadas com envolvimento e participação. Mesmo aqueles que ainda não escreviam alfabeticamente, conseguiram, com ajuda dos colegas, colocar suas ideias e avançar em seus processos de alfabetização.

No que se refere aos 17 alunos alfabéticos, houve um avanço na construção de frases, bem como na qualidade destas no que tange ao desenvolvimento das ideias. A escrita atualmente aproxima-se da ortográfica, verificada através de testagens e ditados, que são feitos desde o início do ano, com palavras de sílabas simples e complexas (usando as dificuldades ortográficas), e o chamado autoditado, que se constitui em escrever palavras a partir de imagens visualizadas. O avanço é observado também nas mais variadas propostas de produção textual. A leitura evoluiu de um estágio mais silabado e hoje se verifica maior fluência e ritmo. Estas mudanças certamente atrelam-se ao acesso aos diversos gêneros vivenciados e ao tempo para leitura destes que lhes foi oportunizado, assim como se destacam as vivências com o uso das tecnologias. A turma realizou semanalmente “roda de leituras”, onde cada criança escolhia algo para ler ao grupo.

O livro *Felpe Filva* remete às situações de letramento através dos portadores de texto e dos gêneros textuais. Marcuschi (2002, p. 22-23) define gênero textual como uma expressão utilizada para “[...] referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

Podemos inferir que tais situações de letramento vivenciadas constituíram-se em práticas de leitura, escrita e oralidade, sendo estas indissociáveis e que evidenciam um conteúdo textual significativo para os alunos, pois certos portadores fazem parte do contexto familiar, como os manuais de uso, as listas, as bulas de remédio, os bilhetes, os cartões e outros.

O que os professores desejavam desde o início, como descrito anteriormente, era propiciar outro contexto de escrita aos alunos, algo inovador e com apelo motivacional também, pois se identificava um aluno desmotivado e que não atribuía sentido para suas escritas. Entende-se que esta meta foi alcançada.

Este trabalho apresentou resultados concretos, em relação à apropriação e desenvolvimento do sistema de escrita alfabética por parte dos alunos do terceiro ano. Cabe ressaltar que o uso das TIC tornou o projeto mais desafiador e oportunizou o desenvolvimento de habilidades em um trabalho viso-motor com apelo lúdico, e também contemplou a diversidade de conhecimentos e saberes da turma. Houve uma provocação que aguçou o desejo de aprender dos alunos, mobilizando-os.

Em virtude de certas atividades terem ocorrido em duplas no laboratório de informática, houve necessidade de conversas e trocas de ideias entre os participantes e assim a escrita era naturalmente problematizada. Em relação ao letramento, observou-se que as crianças passaram a olhar para certos registros escritos atentos às informações contidas e ao seu formato.

Tais resultados mostraram-se no cotidiano da sala de aula, nas mudanças do perfil do aluno verificado, não somente através dos números citados anteriormente, no que se refere aos avanços nos níveis de escrita e no desenvolvimento da leitura e oralidade, mas também pela mudança de postura da escola, equipe pedagógica e corpo docente, com relação a uma proposta de diversificação do trabalho e o rompimento de práticas mecanizadas e descontextualizadas na alfabetização. E a constatação de que agregar as TIC em projetos pedagógicos na Escola podem potencializa-los.

8. Considerações finais

O grupo buscou alinhar suas práticas aos pressupostos evidenciados por Piaget, no que se refere ao desenvolvimento infantil e baseia-se nas pesquisas de Emilia Ferreiro, que estabelece que a alfabetização é um processo e necessita de intervenção e muitas interações das crianças com o objeto do conhecimento, no caso a linguagem. Muitas leituras foram realizadas e assim compreendeu-se que a alfabetização “é um produto de uma construção mental da humanidade, a partir de uma tomada de consciência das propriedades da linguagem” (Ferreiro, 2000, p. 62) e que tal tomada de consciência acontece quando estão imersos em práticas de letramento e vivências com vários tipos de escritas. A turma mudou com relação aos seus conhecimentos e seus professores também.

Verificou-se um investimento satisfatório da escola no seu conjunto, oportunizando um maior número de horas de planejamento e discussões do trabalho, assegurando a

continuidade e a qualidade. Ficava evidente que a proposta estava dando certo. Tal espaço foi garantido semanalmente pelo grupo de professores, que contavam com a presença da coordenadora pedagógica em diversos momentos.

A importância do trabalho com o livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, e seus portadores de texto, aliado ao uso das TIC se reflete através do conjunto das ações que oportunizaram o interagir das crianças com uma variedade de gêneros, a fim de que compreendessem a natureza fonética da língua materna, ao mesmo tempo em que puderam significar certos eventos de letramento presentes no cotidiano.

9. Referências

BRASIL. MEC. **Pró-Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem. Brasília: MEC, 2007.

COSTA, I. ; MADALENA, B. **Internet na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DICIONÁRIO MICHAELIS Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 21 mar. 2016.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzales. 25.ed.atual. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleções Questões da Nossa Época, v. 14).

FERREIRO, E. O momento atual é interessante porque põe a escola em crise. Entrevista concedida pela psicolinguística argentina Emilia Ferreiro a revista **Nova Escola**. Out. 2006. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2014.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. D. M. Lichtenstein, L. Di Marco e M. Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FURNARI, E. **Felpe Filva**. 1. ed. São Paulo. Editora Moderna, 2006.

IBGE. **Censo Demográfico**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 6 out. 2014.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem e Ensino**, v. 4, n. 1, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-30, 2002.

MOREIRA, N. da C. R. Portadores de texto: concepções da criança quanto a atributos, funções e conteúdos. In: KATO, M. A. (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. São Paulo: Pontes, 2002.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1986.

SANTAROSA, L. M. C. (Org.). **Tecnologias digitais acessíveis**. Porto Alegre: JSM Comunicação Ltda., 2010.

ⁱ Adota-se o termo “portador de texto” para um objeto que apresente algo que possa ser lido ou “qualquer objeto” que leve um texto impresso (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 156).

ⁱⁱ Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem (BRASIL, 2007).

ⁱⁱⁱ As escolas do município de Porto Alegre separam o ensino fundamental em três blocos, chamados de primeiro, segundo e terceiro ciclo, sendo cada ciclo composto por três anos.

^{iv} Composição poética em que as letras iniciais, mediais ou finais de cada verso, em sentido vertical, formam um nome de pessoa ou coisa, tomado como tema (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2016).